**INTERSEÇÃO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA: COMPREENDENDO O CICLO DA ERVA-MATE**

TENO, Hélia Marcia Kovalski Castilho

FERREIRA, Bruno Torquato Silva

**RESUMO**: Este trabalho tem por objetivo estabelecer as fronteiras entre a memória, história e a literatura na ficção ligadas as obras do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo. A exploração ervateira surgiu no Estado na década de 1880 e se perpetuou a todo vapor até os anos 1920, mas seu declínio começa em 1937. Apesar de nacionalmente não haver muito representatividade e ser uma economia de menor valor, os reflexos regionais foram significativos. Portanto, é fundamental estudarmos o ciclo ervateiro para entendermos as mudanças e influências que o estado sobrelevou, como financeira, geográfica e cultural. Muitos trabalhadores dependiam da erva-mate, e dela tiravam seu sustento e a Companhia Mate Laranjeira não era somente a macroestrutura econômica, mas dependia totalmente da microestrutura para manter-se no mercado da erva-mate. Após a quebra do monopólio muitos rancheiros se tornaram donos de pedaços de terras devolutas e, portanto, concorrentes da Companhia. Esses anos vividos dentro dos ervais mato-grossenses renderam a Serejo muita experiência e muitas histórias, fruto de grande observação e ouvidos atentos para reter informações, soube ressignificar e transmitir essas histórias e contos orais colhidos pelos ervais, e utilizou-se de aspectos da memória para reinventá-los e transcrevê-los. Contudo, ao analisarmos a obra deste ficcionista, que se utilizava de componentes históricos e memorialistas, faz-se indispensável o conhecimento de conceitos ligados à memória e a representação da narrativa.

**PALAVRAS-CHAVES:** História; literatura; erva-mate**.**

1. **INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa pretende fazer uma análise de alguns dos principais contos de Hélio Serejo, na tentativa de compreendê-la sob o prisma da relação entre memória e história, e na ótica da representatividade entre as fronteiras da memória/história e Brasil/Paraguai. O escritor e prosador apresenta um entrelaçamento em suas narrativas baseado num diálogo entre a literatura e a história, no qual a história oficial que está nos livros e documentos caminha lado a lado com outra visão, a dos fatos recuperados pela memória e transformados em literatura.

Para esta pesquisa, procurar-se-á relacionar as obras *O tereré que me inspira...(1986), Paisagem Sertaneja (1988), No mundo bruto da erva-mate(1991), e Sismório: O gringo Bochincheiro e Bandido (1991)* com as teorias que darão suporte teórico-crítico para a análise que se pretende, serão dispostas as teorias pertinentes ao campo do Memorialismo, assim como as representações de fronteira.

As obras de Hélio Serejo têm sido estudadas e revisitadas por diversas áreas do campo do saber. A professora e pesquisadora Dr. Neide Araújo Castilho Teno defendeu sua dissertação de mestrado em Filologia e Linguística pela UFMS em 2003, com “Um estudo do vocábulo da erva-mate em obras de Hélio Serejo”, o qual pesquisou as características da oralidade presentes em suas obras, a semântica das palavras, de caráter metafórico, ou seja, um vocábulo assumindo um novo significado, muito comum nas escritas de Serejo.

Pelo viés da literatura regional a professora Dayana Lopes Russo traz em sua dissertação de mestrado em Literatura pela UFGD em 2010, intitulada “Hélio Serejo: A fábula do Erval na literatura Sul-matogrossense”, uma reflexão acerca das produções regionais enquanto narrativas que são tessituras do local, resgatando uma manifestação marcada por fronteiras culturais e fixando um *ethos* próprio do povo sul-mato-grossense. Dayana Lopes Russo foi orientanda do também pesquisador Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, que muito contribuiu para a fortuna crítica do escritor dos ervais, visando o regionalismo e crioulismo de Serejo, “considerado o nosso Catulo, o das paixões sul-mato-grossenses” (SANTOS, 2013, p. 82), Santos considera que “sua obra constitui manifestação literária das mais importantes da região, e que de forma mais completa se voltou para o registro da história e da vida na fronteira Brasil-Paraguai” (SANTOS, 2013, p. 86).

Em 2012, pela linha dos Estudos Culturais, Mara Regina Pacheco desenvolveu sua pesquisa de mestrado em Literatura pela UFGD, com o título “A Supremacia do homem comum em *Balaio de Bugre* de Hélio Serejo”, retratando o homem comum presente em sua narrativa como sujeito, personagem de uma história de sofrimento com a lida pesada dos trabalhadores dos ervais, mostrando também a sensibilidade do poeta que em meio a um cenário trágico encontra a beleza da poesia.

As obras de Hélio Serejo abrem um leque de possibilidades de pesquisa, e este projeto em questão pretende ir pelo viés da memorialística, o qual ainda foi pouco explorado nas obras do autor. Segundo o historiador Jacques Le Goff em *História e Memória* (2003):

O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento (LE GOFF, 2003, p. 422).

Os estudos sobre memória nos mostram a importância de se preservá-la e de seu valor, elucidando o papel que ela desempenha na sociedade, e como se manifesta através de relatos orais e se cristaliza na escrita. Le Goff destaca o valor da memória:

A evolução das sociedades, na segunda metade do século XX, elucida a importância do papel que a memória coletiva desempenha. A história exorbitando como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante, enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção (LE GOFF, 2003, p. 469).

O domínio da história social, da concepção do tempo e espaço, do contexto em que o indivíduo foi inserido, desenvolve uma historiografia, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, 469; grifo do autor).

“Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 2003, 470). A memória social está ligada, sobretudo à oralidade, meio este, para a construção da memória coletiva, e a compreensão das recordações e como esta se manifesta. Hoje na sociedade moderna os arquivos são tratados de forma diferente, “os novos arquivos (arquivos orais e audiovisuais) não escaparam à vigilância dos governantes, mesmo que possam controlar esta memória tão estreitamente como os novos utensílios de produção desta memória” (LE GOFF, 2003, p.470-471; grifo do autor).

Sugere-se aos historiadores, aos profissionais do campo da pesquisa científica, da memória, sociologia, antropologia, entre outros o dever de revitalizar a democratização da memória social. Segundo a citação de Ranger na obra de Le Goff (2003) retrata que:

Às recordações familiares, às histórias locais, de clã, de famílias, de aldeias, às recordações pessoais [...], a todo aquele vasto complexo de conhecimentos não-oficiais, não-institucionalizados, que ainda não se cristalizaram em tradições formais [...] que de algum modo representam a consciência coletiva de grupos inteiros (famílias , aldeias), contrapondo-se a um conhecimento privatizado e monopolizado por grupos precisos em defesa de interesses constituídos (LE GOFF *apud* RANGER, 2003, p.471; grifo do autor).

“Na maior parte das culturas sem escrita, e em numerosos setores da nossa cultura, a acumulação de elementos na memória faz parte da vida cotidiana” (LE GOFF *apud* GOODY, 2003, p. 424). É notório que os escritos de Serejo passaram por este processo de apreensão desses elementos, e interessa ao pesquisador da memória reconhecer esses rastros e identificá-los. Segundo Maurice Halbwachs em *A Memória Coletiva* (2006):

Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a seqüência de nossos atos e nossas palavras em circunst6ancias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2006, p. 31).

O conceito de memória é basilar para o reconhecimento da escrita do regionalista Hélio Serejo. A memória está ligada à vida social, e, pois, os relatos podem ser transmitidos de forma oral ou escritos, e é o que faz com que se torne possível conservar os traços de qualquer acontecimento do passado no presente. Essa apreensão da memória depende do modo de vivência social, assim, Jacques Le Goff define a memória, em sua obra intitulada *História e Memória* (2003):

(...) como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que representa como passadas (LE GOFF, 2003, p.419).

Com os estudos contemporâneos dos aspectos da memória, é possível reconhecer as problemáticas da memória histórica e social de um povo, sendo ela apresentada metaforicamente ou não, na forma de poemas, contos, etc: “A noção de aprendizagem, importante na fase de aquisição da memória, desperta o interesse pelos diversos sistemas de educação da memória que existiram nas várias sociedades e em diferentes épocas: as mnemotécnicas” (LE GOFF, 2003, p. 420), ou seja, técnica desenvolvida para estimular a memória, fazendo que essa memorização conserve a unidade política, social e religiosa de um povo.

Maurice Halbwachs (2006) recorre a testemunhos para esclarecer melhor a questão da memória de um povo, reconstruindo o conjunto de lembranças de um lugar ou de uma pessoa, compondo um passado reinventado, desenvolvendo assim diversas formas de memória:

Claro, que se nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas (HALBWACHS, 2006, p. 29).

O ser humano tem a necessidade de reviver os fatos, recordar, sejam acontecimentos que vivenciaram individual ou coletivamente, Halbwachs, em sua obra *A memória coletiva* (2006), esclarece que:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Na citação acima, o dado principal consiste na afirmação de que a memória individual permanece sempre a partir de uma memória coletiva, já que todas as nossas lembranças estão sendo estabelecidos dentro de um grupo, até mesmo nossos sentimentos estão relacionados ao grupo. “Para confirmar ou recordar a lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2006, p. 31).

A literatura é uma grande aliada quando se trata de cultivar a memória de um lugar ou de um povo, é através dela que a história é retratada, seja oral ou escrita, valorizando as relações entre a memória e a história, em que o estudo da memória social é relevante para abordar as problemáticas do lugar. “Na maior parte das culturas sem escrita, e em numerosos setores da nossa, a acumulação de elementos na memória faz parte da vida cotidiana” (GOODY *apud* LE GOFF, 2003, p.424). Hélio Serejo registrou tudo que vivenciou e que ouviu, em seus cadernos de apontamentos, dando um suporte à memória através da sua escrita. Desse modo, Le Goff destaca que:

Neste tipo de documento, a escrita tem duas funções principais: “Uma é o armazenamento de informações, que permite comunicar através do tempo e do espaço, e fornece ao homem um processo de marcação, memorização e registro”; a outra, “ao assegurar a passagem da esfera auditiva à individual”, permite “reexaminar, reordenar, retificar frases e até palavras isoladas” (GOODY *apud* LE GOFF, 2003, p. 429).

Serejo, na infância, acompanhou o pai “Chico” Serejo nos acampamentos de erva-mate, sempre observando a vivência ervateira, começando, desde então, a registrar na escrita o que presenciava e ouvia nos galpões dos peões. Segundo Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, “De todas as páginas que a mão de artífice escreveu, nenhuma carrega a marca da vivência e do testemunho mais genuíno, desta região fronteiriça do sul de Mato Grosso, que as escritas pelo regionalista Hélio Serejo” (SANTOS, 2008, p.47). Ao se referir a Serejo, Santos, em sua obra *Fronteiras do local* (2008), define a representatividade do escritor para a fronteira Brasil/Paraguai, buscando representar a poética serejiana assim como sua ligação com os ervais e o “caraí”, palavra recorrente nas obras de Serejo, figura que bem retratava os homens da erva-mate, “tratamento muito respeitoso nos ervais. O amigo, o fiel, aquele que pode dar bons conselhos” (LINS *apud* SANTOS, 2008, p. 48).

Hélio Serejo escreveu cerca de 60 (sessenta) obras, dentre contos, poemas, textos esparsos e glossários, e que vieram mais tarde a serem organizadas pelo historiador Hidelbrando Campestrini para a edição de suas *Obras Completas*, organizadas em 9 (nove) volumes e publicadas, em 2008, com autorização do próprio Serejo. No conjunto de sua obra, é possível encontrarrelatos da constituição da região, com narrativas que somente quem foi conhecedor *in loco* poderia contar e descrever os mais diferentes estratos da gente e da sua formação social. Partindo desse contexto, acentua Santos:

É do próprio Hélio Serejo a caracterização mais adequada do *locus* de enunciação do que denominamos a sua variada produção de textos e o próprio lugar da cultura na qual se filiou, num emaranhamento resultante no contexto geral de sua prosa poética (SANTOS, 2008, p. 48).

Serejo buscou retratar a vivência nos ervais da forma mais clara possível, numa época em que a exploração dos ervais no sul do Mato Grosso era feita rudemente, como observamos em sua fala presente na “Apresentação” do nono volume organizado por Campestrini:

A realidade está nele espelhada. É a vivência nua e crua. Não há enfeites bombásticos, nem imagens literárias para impressionar o leitor. (...) Homens entendidos das coisas do mundo bruto da erva-mate e do idioma guarani manusearam os originais. Incentivaram de maneira franca o despretensioso escritor dos ervais (SEREJO, 2008, v. 9, p. 177).

O escritor dos ervais, como ele mesmo se descreve, soube muito bem mostrar a realidade vivida pelos peões paraguaios, a sua obediência e submissão aos patrões das rancharias, e o trabalho pesado ao qual eram submetidos, conforme evidencia em seu texto “Peão paraguaio”:

O peão paraguaio tem a particularidade de ser muito obediente. A submissão absoluta se encontra no trabalho guarani. Não costuma discutir preço de jornada. Quer ganhar com o próprio esforço. Não possui malícia e nunca se opõe às ordens do chefe. Jamais nega uma tarefa por falta de perícia. Quando é chamado para tal, responde resoluto: - Executarei o trabalho (SEREJO, 2008, v. 9, p. 177).

Seus textos são repletos de saudosismo do povo guarani, com quem Serejo conviveu por muito tempo e teve a oportunidade de conhecer tão bem. Ainda em “Peão paraguaio”, o escritor descreve o povo e sua língua:

A raça guarani, a raça impoluta, verdadeira da América do Sul, continua viva através de sua língua. Vive, ainda, com toda sua pureza virginal, uma vez que não pode separar da natureza, visto que ela representa a própria natureza (...). Nesta língua encontramos onomatopaicas, acentos melódicos dos pássaros, das árvores, dos animais silvestres, das cascatas, dos mansos córregos, dos majestosos rios, dos campos floridos, o sibilar dos ventos, o barulho ensurdecedor das tormentas, a magnificência do pôr-do-sol, a voz da natureza (SEREJO, 2008, v. 9, p. 178).

Hélio Serejo foi uma espécie de voz para esse povo desbravador dos sertões sul-mato-grossenses, e soube expressar a memória de um lugar “ao abordar as origens e a fundação do povoamento e do desbravamento socioeconômico da nossa hinterlândia[[1]](#footnote-2) inóspita” (SANTOS, 2009, p.85), traduzindo a cultura de uma região singular através das suas obras; na primeira parte de seu “Discurso de Posse” para a Academia Mato-grossense de Letras, em Cuiabá, no dia 19 de outubro de 1973, lido pelo desembargador e acadêmico João Antônio Neto, Serejo faz uma autorreflexão de sua figura literária:

Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo queimado, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva ao romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargedo. Sou um misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota-mundo (SEREJO *apud* REIS, 1980, p. 16).

A vasta fortuna crítica de Hélio Serejo já nos dá uma dimensão de sua figura para a expressão da memória regional, observando que suas obras têm sido revisitadas e pesquisadas por historiadores, regionalistas, críticos literários e pesquisadores, dentre outros estudiosos no campo do saber. Assim, “como sua longa história de vida dedicada à observação da cultura regional” (SANTOS, 2009, p. 85), deixou um grande arcabouço de obras compostas por lendas, narrativas, poesias, e que representam os costumes e tradições da erva-mate e da região fronteiriça.

Esta pesquisa buscará em textos literários encontrar a interseção entre a memória e a história nos fragmentos dos contos já selecionados de Hélio Serejo, mostrando a importância da leitura dessas obras, pouco exploradas pelo viés memorialístico, para a preservação da memória no fato de ser uma das formas de construir e valorizar a história retratada por um ficcionista.

Assim como sua grande fortuna crítica, Elpídio Reis foi o responsável por escrever sua biografia, sob o título de *Os 13 pontos de Hélio Serejo* (1980), em que narra a trajetória de Serejo e suas desventuras. O título faz alusão aos “treze pontos da loteria esportiva”, para se referir a essas etapas vividas pelo prosador, e são descritas como um ponto da loteria, registrando toda sua religiosidade, atuação política e literária, e como foi um incansável escritor.

Na tessitura das narrativas do regionalista Helio Serejo, encontramos descrições não só de lugares, paisagens e pessoas, mas narrativas de sentimentos também. Em “Fogo de tapera”, presente no volume 9 das *Obras Completas*, há evocações do cotidiano ervateiro, as amarguras vividas pelos peões, a vida difícil que eles enfrentavam, o sofrimento carregado pelas mazelas, suas tristezas, o próprio título nos remete a esse sentimento nostálgico, “tapera representa sempre algo de doloroso que o sertão testemunhou” (SEREJO, 2008, v. 9, p. 202).

O clima frio da região sul também é destacado em suas obras, o vento “haragano”, que não perdoa. “O vento enraivecido aumentava-lhes, ainda mais, a desolação” (SEREJO, 2008, v. 9, p. 202). Recheado de metáforas em seus relatos, Serejo sempre buscou mostrar o belo em meio a tanto sofrimento pelos quais os peões eram expostos nas rancharias, “eis que somente na hora extrema faz parada numa tapera e em seu chão escavado atiça o fogo da angústia para o chimarrão do sofrimento” (SEREJO, 2008, v. 9, p. 202). Em suas narrativas Serejo evocava sempre a língua guarani, como em seu “Discurso”, na entrega dos prêmios aos classificados no “Concurso O Ciclo da Eva-Mate em Mato Grosso do Sul”, no qual se classificou em primeiro lugar:

Vivi, com emoção imensa, o tini, o juruaquá, o *topitá*. Cruzei, em passadas largas ou devagarzito *no más*, namorando as paisagens, os tape-haciênda, os tape-guaçu,e os tape-poi. Cruzei também, infinidade de vezes, as tendidas, os mancheros, as canhadas e, as *ykuá* e os traiçoeiros empaliçados (SEREJO, 2008, v. 9, p. 218, grifo do autor).

José Pereira Lins foi um dos pioneiros nos estudos literários sobre Serejo, e como pesquisador assíduo e fervoroso buscou estar perto de seu objeto de estudo, trilhando caminhos juntos ao do autor regionalista, e nesta caminhada acabou conhecendo-o melhor e assim pôde definir as obras de Hélio Serejo, em seu livro *O Sol dos Ervais: Exaltação à Obra Literária de Hélio Serejo (2002):*

Literatura, fruto da experiência não repetitiva, palmilhada nas extensas matas dos ervais, entre os homens bravos e rudes, cheios de modismo, ouvidas dos companheiros ao longo das estradas percorridas, indômitos e imprevisíveis à beira das fogueiras nas noites frias do inverno (LINS, 2002, p.27).

Hélio Serejo sempre foi engajado nas questões políticas do estado, pois, além de participar da história do Mato Grosso do Sul, esteve constantemente envolvido em questões políticas, como, por exemplo, fazendo parte da comissão de construção da ponte sobre o Rio Paraná, entre os municípios de Presidente Epitácio-SP e Bataguassu-MS:

Embora morando desde 1948 em Presidente Venceslau, Hélio sempre esteve atento aos grandes problemas de Mato Grosso. Em sua opinião, o rio (sic) Paraná - entre São Paulo e Mato Grosso - representava um grande bem e ao mesmo tempo um grande mal. Um grande bem porque, sendo navegável, proporcionava à região intenso movimento populacional ao longo de suas margens. Um grande mal para Mato Grosso em particular, porque a travessia, sendo muito problemática, criava para o estado uma espécie de *cerca líquida*, dificultando o transporte das riquezas matogrossenses rumo a São Paulo (REIS, 1980, p. 85, grifo do autor).

Serejo inquietava-se com tal problema enfrentado pelas pessoas que precisavam atravessar o Rio Paraná: “A travessia por balsa, além de arcaica, demorada, era por vezes incerta” (REIS, 1980, p.86). Muitas vezes esses deslocamentos geravam filas imensas de caminhões e automóveis nos dois lados do rio: “Sem que Hélio Serejo se apercebesse, reacendeu nele o sonho de ser engenheiro, para construir pontes e pontilhões...” (REIS, 1980, p. 86).

Suas obras lançam também luz sobre as atividades da empresa ervateira “Companhia Mate Laranjeira”, registrando o funcionamento e desenvolvimento do empreendimento:

Thomaz Larangeira, já estava familiarizado com os ervais nativos de Santa Catarina e com o término da Guerra do Paraguai, estabeleceu-se como comerciante em Concepcion (sic), Paraguai. Assim, ao fazer as descobertas dos ervais em Mato Grosso, procurou penetrar nos meios políticos, acabando por obter a concessão. Foi como afirma Hélio Serejo, “o primeiro apadrinhamento político, de que se tem notícias em coisas da erva” (BIANCHINI *apud* SEREJO, 2000, p. 87).

O desenvolvimento econômico do sul do Mato Grosso se funde ao desenvolvimento econômico da Companhia Mate Laranjeira, iniciando-se após a Guerra do Paraguai (1864-1870), Thomaz Laranjeira, que havia participado oficialmente da demarcação de limites na fronteira entre Brasil e Paraguai, acabou conseguindo a concessão do governo para a exploração da erva-mate. Contudo, são poucos os autores que se referem ao problema, tratando dessa usurpação das terras paraguaias:

Quer dizer, se por um lado, houve “um grande apadrinhamento político em coisas da erva” como afirma Hélio Serejo, por outro, o arrendamento das terras devolutas ervateiras, serviu como óbice às pretensões de elementos estrangeiros, no sentido de ocupar as terras ao sul do Mato Grosso (BIANCHINI, 2000, p. 87).

Thomaz Laranjeira, sabendo da existência de grande área de ervais nativos e inexplorados, na região onde hoje se situa o Mato Grosso do Sul, e da presença dos paraguaios desempregados e com problemas econômicos após a Guerra da Tríplice Aliança, e que poderiam constituir uma mão de obra barata e “especializada”, iniciou a sua empresa com esses trabalhadores, poucos no começo, mas como o produto era requisitado no sul, a empresa cresceu, e, com isso, a situação inóspita do trabalhador também:

Assim, “mandava e não pedia. [...]. Tornara-se um poderio incontestável”. Desse poderio, não tardou muito, em surgir uma avassaladora influência nos meios de Mato Grosso. Afora os empréstimos ao Estado a Empresa mantinha negócios com ricos fazendeiros do sul, com pequenos e médios agricultores, ervateiros, pequenos industriais; conseguia se impor sobre o eleitorado indicando e elegendo governadores, deputados, senadores, etc. De fato, o poderio da Matte não conhecia limites. Imiscuía-se nas nomeações, demissões, contratação de funcionários públicos, “nomeava autoridades, punha por terra pretensões de adversários ferrenhos, elegia prefeitos com espantosa facilidade” (BIANCHINI *apud* SEREJO, 2000, p. 148).

Serejo dá a entender que a empresa Companhia Mate Laranjeira utilizava-se do poder político para fortalecer-se, mesmo que isso prejudicasse a muitos, apesar de ter deixado suas marcas desbravadoras e estas estão registradas em muitas das obras do escritor. Dentro da empresa existiam os “bolichos”, como eram conhecidos os estabelecimentos comerciais que abasteciam os peões e que utilizavam cadernetas para registrar as compras feitas por estes, gerando uma forte dependência, pois somente poderia sair do trabalho nos ervais quem quitasse sua conta, e esses acontecimentos estão registrados nas obras de Serejo, como descreve Bianchini:

As cadernetas não passavam de um mecanismo de manipulação da conta do *minero*. [...] Disso se conclui que a convivência campeava solta entre esses elementos contra o empregado, criando uma dependência permanente de mão-de-obra, que só poderia abandonar o erval quando saldasse a conta. Noutras palavras, através desse mecanismo instalava-se a servidão por dívida. [...] Segundo Hélio Serejo, a conta do peão era sempre alta em função dos preços cobrados. O peão “queria comer e beber e às vezes comparecer a algum bailecito, onde acabava aumentando ainda mais a conta do mês, com ordens especiais de gastos”. (BIANCHINI, 2000, p. 186, grifo nosso).

A vida dura, o grau de intensidade e sacrifício a que os *minêros[[2]](#footnote-3)* eram submetidos são denunciados nas obras do escritor Hélio Serejo, vivendo nesse chão bruto, onde o transporte era o lombo do burro, ou suas próprias pernas, suportando toda sorte de desafios. Na obra de Odaléia da Conceição Deniz Bianchini, *Companhia Matte Larangeira e a ocupação da terra do sul de Mato Grosso 1880-1940* (2000), a historiadora fez todo o percurso histórico do surgimento econômico do sul do estado de Mato Grosso ligado à exploração da erva-mate, sendo que Serejo é mencionado como testemunha ocular, conferindo certa veracidade aos fatos, como afirma a pesquisadora:

Sabe-se que Hélio Serejo foi empregado da Matte Larangeira durante dez anos, tendo exercido ali várias funções. Como ele mesmo informa, desde encarregado da comissária, até condutor de arriais. [...] Hélio Serejo não foi apenas testemunha dos fatos ao seu redor, pois várias são as obras que escreveu, no estilo crônica, sobre a exploração dos ervais mato-grossenses e que contêm informações valiosas para a história dos ervais (BIANCHINI, 2000, p. 200).

Serejo sempre esteve ligado aos problemas referentes à vida nos ervais, mesmo depois de largar esse tipo de trabalho, nunca deixou de registrar tudo o que viveu em suas inúmeras obras.

Por se tratarem de textos compostos por muitos fragmentos de memória, a presença do autor como narrador e personagem são recorrentes, ou seja, suas narrativas possuem caráter autobiográfico, são autodiegéticas por natureza. Philippe Lejeune, em sua obra *O pacto autobiográfico: De Rousseau à Internet* (2008), classifica esse tipo de narrador como sendo aquele cuja:

(...) identidade *narrador-personagem principal*, suposta pela autobiografia, é na maior parte das vezes marcada pelo emprego da primeira pessoa. É o que Gérard Genette denomina narração “autodiegética”, em sua classificação das “vozes” da narrativa, classificação que ele estabelece a partir de obras de ficção (LEJEUNE, 2008, p. 16, grifo do autor).

O longo período de observação das atividades desenvolvidas na Mate Laranjeira permitiu a Serejo conhecer os reais problemas enfrentados pelos trabalhadores dos ervais e desenvolver certa sensibilidade para, muitos anos depois, descrever e evocar o ambiente de forma verossímil e poética ao mesmo tempo. Os relatos de Hélio Serejo, por serem um misto de ficção e realidade, entram numa zona de indecisão enquanto depoimentos “reais”, oscilando, “transferindo-se” para o campo ficcional, ressignificados pelo estilo e pelo grande poder de efabulação do escritor.

Descrevendo a fronteira de forma poética, história e literatura se aproximam cada vez mais nos discursos de Serejo, que refaz o percurso da história nele introduzindo a ficcionalidade, passando, portanto, sua narrativa ao *status* de documento reelaborado de maneira poética e literária, pois nela há relatos supostamente verídicos em meio a narrativas ficcionais, além do fato de que, para Halbwachs, nossas lembranças não florescem sozinhas, há necessidade da evocação de terceiros para que nossa memória se recomponha:

Se a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas (HALBWACHS, 2006, p. 29).

Esse caráter de coletividade muito bem explicitada por Halbwachs está ligado ao caráter social da manifestação mnemônica, isto é, à importância das “memórias” dos diversos grupos sociais (família, escola, igreja, etc) aos quais pertencemos. Hélio Serejo, em suas andanças pelos ervais em campos com ventos haraganos[[3]](#footnote-4), nunca estava só, um emaranhado de peões fazia-se presente ora para abrir caminhos, ora para selecionar as ervas *in natura*, trilhando novos caminhos para suas futuras rancharias. Ainda nesse mesmo discurso de verossimilhança ao qual os textos de Serejo nos remetem, Paulo Bungart Neto, ao comentar a teoria de Lejeune, destaca os referenciais a que os textos são submetidos antes de classificá-los:

Por isso, as biografias e autobiografias são textos “referenciais” (em oposição a todas as formas de ficção, que aderem por completo ao *pacto romanesco*), pois se propõe a fornecer informações sobre certa “realidade” externa ao texto e se submetem a uma “prova de verificação”, como no discurso científico ou histórico, tendo como objetivo maior fornecer uma “imagem” do real (a “semelhança” como o “verdadeiro”) e não simplesmente seu “efeito” (a “verossimilhança” do universo ficcional) (BUNGART NETO, 2012, p. 167; grifo do autor).

Entre os recortes da memória do discurso de Hélio Serejo, podemos considerar um misto de expressões em diferentes línguas, dentre elas o guarani e o espanhol, o que confirma o conhecimento e domínio de um linguajar próprio do meio em que se vive. As anotações de Hélio Serejo fornecem descrições de lidas fronteiriças que são memórias de um tempo passado que perdura até os dias atuais e, justamente devido a esse componente histórico, merecem ser lidas e conhecidas do leitor que se interessa pela literatura da fronteira Brasil-Paraguai.

1. **ANÁLISE E RESULTADOS DOS DADOS**

A pesquisa foi realizada no espaço escolar de educação da Rede Estadual de ensino com coordenador e professora do Curso em Agronegócio/Pronatec do Centro Estadual de Ensino Profissionalizante “Evanilde Costa da Silva”, na cidade de Dourados. O resultado foi o esperado, vindo a confirmar as observações feitas na prática.

De acordo com os questionamentos feitos através de perguntas direcionadas a história e a literatura, não me surpreendi com as respostas que obtive das professoras e também da coordenação desta instituição, foram muito objetivas e sucintas nas respostas, a conversa se deu de forma bem objetiva expondo minha temática.

De uma forma geral todas as respostas foram bem coerentes umas com as outras, e segundo a professora, questionada sobre a importância da prática de ensino nas escolas a mesma respondeu que: Trabalhar a história e literatura no curso técnico, como ferramenta auxiliar na formação cultural é muito válido, toda forma de ensino que vem a contribuir e agregar conhecimento aos alunos é muito bem-vindo, e hoje segundo a professora é essencial que esta prática paute o planejamento de todo professor , pois agregar história à literatura em suas aulas além de ser um auxiliar e também um facilitador na compreensão dos alunos em determinados conteúdo. A aprendizagem ocorre pela transformação, pela ação facilitadora do professor, do processo de busca do conhecimento, que deve sempre partir do aluno. Ou seja, a aprendizagem do aluno depende dele mesmo, porém com o auxílio do professor como um mediador do seu conhecimento, sendo um agente importante, ao fazer a intervenção necessária e certa conforme a necessidade do aluno. As dificuldades segundo a professora, em trabalhar as duas disciplinas sempre irão fazer parte do ensino /aprendizagem dos alunos pois não há vitória sem antes uma luta, e trabalhar com anos finais é sempre desafiador pois são jovens e adultos que estão caindo de paraquedas em um mundo totalmente diferenciado ao qual estava habituado, então essa transição traz uma certa dificuldade, pois até o aluno se habituar com esse novo ambiente ele ainda vai estar de certa forma fechado retraído e não é absurdo, é o tempo do aluno, cada um tem seu tempo, há aqueles que irão se inteirar rapidamente, outro terão um pouco mais de tempo e é natural, a princípio a dificuldade para se trabalhar com os dois conteúdo é a total entrega dos mesmos a aprendizagem, que claro é questão de tempo. De acordo com a professora, sim as dificuldades existem, e é natural visto que toda intervenção traz uma mudança na rotina, e os alunos vão se adequando a ela, e isso causa uma certa dificuldade, mas que faz parte.

Perguntada sobre os benefícios de se trabalhar história e literatura, tanto professora quanto a coordenadora, foram categóricas e segundo elas - Todos benefícios são possíveis, e agrega aos alunos a cultura, trabalha o cognitivo, desenvolve a historicidade, aprende a sobre seu Estado, melhora da autoestima cultural.

Na questão avaliativa, de que forma avaliam os alunos? A professora respondeu - Avaliar principalmente a participação a motivação, o interesse dos mesmos, pois o pouco que se vai conquistando dia a dia é valido e gratificante ver o desenvolvimento escolar técnico; Neste sentido, também a coordenadora, respondeu que, nas participações em atividades de grupo, avaliar de forma que vai conseguir exaltar o que de melhor o aluno tem, pois o pouco que ele consegue já é um grande avanço.

1. **METODOLOGIA**

Para a pesquisa utilizou-se as obras originais de Hélio Serejo, assim como a organização feita por Hildebrando Campestrini, as *Obras Completas (2008),* quando essa se fez necessária.

A abordagem teórico-metodológica adotada foi a bibliográfica, e como etapa inicial destacou-se a revisão de conceitos teóricos, a leitura flutuante[[4]](#footnote-5) do *corpus* e de materiais complementares, assim como a releitura da fortuna crítica de Hélio Serejo.

Na sequência foram selecionadas do conjunto de sessenta obras de Hélio Serejo, aquelas que versam sobre depoimentos pessoais, que se relacionam aos aspectos ligados à memória e, sobretudo, aqueles que tematizam a exploração da erva–mate, sendo elas no total de quatro (4) obras.

Em um segundo momento, após as leituras e agrupamento delimitado do *corpus*, prosseguimos para a análise e interpretação do mesmo sob a ótica das teorias do memorialismo e da história.

1. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao iniciarmos a pesquisa e começarmos a trabalhar com o *corpus*, deparamo-nos com um vasto trabalho etnográfico efetuado pelo escritor Hélio Serejo: são inúmeras obras com um forte cunho histórico e memorialístico, retratando o antigo Mato Grosso, sua formação e o início de seu desenvolvimento no começo do século XIX. Serejo foi um autor que se comprazia em ouvir histórias e anotá-las, para depois reelaborá-las e eternizá-las através da escrita. Desde sua juventude, colecionou sonhos, como o de ser engenheiro e construir pontes, ou de ser geógrafo, mas quis o destino que o escritor ervateiro trilhasse outros caminhos. Caminhos esses que se tornaram possíveis através de suas narrativas, caminhos que nos levam além da história contada pelos grandes ervateiros, em que conhecemos personagens e histórias de vida que nos tiram de nossa “zona de conforto”, em meio a um misto de ficção e fatos reais no qual a verossimilhança se impõe, a ponto de confundirmos a ficção e a realidade nas narrativas serejianas.

As narrativas de Serejo são multifocais, pois, ao mesmo tempo em que ele relata a rotina simples de um trabalhador dos ervais, ele revela muito sobre sua condição, levando o leitor a conhecer o universo ervateiro sob diversos ângulos, desde o início e manuseio da erva-mate até as grandes transformações que o estado de Mato Grosso sofreu devido ao comércio ervateiro.

A princípio, o objetivo geral de nossa pesquisa era compreender melhor a relação entre memória, história e literatura a partir de textos de Serejo relacionados à Companhia Mate Laranjeira. No entanto, no decorrer do levantamento bibliográfico e durante nossa reflexão sobre o assunto, percebemos o universo ervateiro de outra forma, isto é, de uma maneira mais ampla, vinculada também à extração e comércio da erva-mate até mesmo antes do surgimento da empresa. Tais aspectos estão contemplados nos relatos de Hélio Serejo, motivo pelo qual modificamos o título original da pesquisa a fim de abranger narrativas sobre a erva-mate de modo geral, e não apenas de textos relacionados à Mate Laranjeira.

Além dos textos de historiadores (sobre a erva-mate e sobre o Mato Grosso do Sul), o viés da pesquisa também incorporou os estudos memorialísticos a fim de se compreender a relação entre história e a literatura, resultado do hibridismo e da amplitude dos estudos sobre memória. A importância de se preservar a memória de um lugar parece ter sido compreendida pelo escritor Hélio Serejo em sua plenitude, a se considerar a importância dada em seus relatos aos “espaços” ervateiros.

Buscamos entender o contexto histórico em que determinadas obras de Hélio Serejo foram construídas, sobretudo a questão da extração da erva-mate e da formação do estado. Destacamos a figura de Hélio Serejo, sua biografia, interesses pessoais, formação intelectual e a produção de suas obras, que fazem uso tanto da memória coletiva quanto da individual, utilizadas com o objetivo de reconstruir histórias, lendas e relatos.

A memória, muitas vezes, fica de fora do campo de pesquisa historiográfica, mesmo que inserida nesses discursos, apenas estuda-se suas características e não como ela se constrói, como ocorre esse processo e a importância dela nos estudos literários e históricos. A memória pode ser comparada a uma narrativa que surge em forma de lembranças involuntariamente e na literatura ela encontra uma cristalização. Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva*, afirma que apelamos ao testemunho para preencher lacunas da nossa memória sobre um evento, que muitas vezes parece obscuro. Portanto, ela possui um papel de esclarecimento e um compromisso com os grupos que ficaram à margem do processo de narrativa oficial, que muitas vezes atribuía sentido àquilo que não condizia com a realidade desses grupos.

As narrativas escritas por Serejo se enquadram nesse quesito de relatos de pessoas que ficaram à margem, isto é, trabalhadores simples dos ervais, muitas vezes analfabetos. Tais narrativas têm tido destaque nos dias de hoje, mostrando a importância dessa literatura memorialística que coloca os pequenos grupos e suas histórias em evidência, narrativas que se afirmam como resultado da interferência humana, ressignificando o factual e tornando verossímil o ficcional.

**REFERÊNCIAS**

BIANCHINI, Odaléia da Conceição Deniz. *A Companhia Matte Larangeira e a ocupação da terra sul de Mato Grosso 1880-1940*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2000.

BUNGART NETO, Paulo. O reconhecimento tardio da autobiografia como gênero legítimo: Philippe Lejeune e seu “exército de um homem só”. In: PINHEIRO, Alexandra Santos; BUNGART NETO, Paulo. (Orgs.). *Estudos culturais e contemporaneidade*: literatura, história e memória. Dourados: Ed. UFGD, 2012, pp. 161-180.

CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES, Acyr Vaz. *História do Mato Grosso do Sul.* 2ª ed.Campo Grande: Ed. Gráfica e Papelaria Brasília, 1991.

HALBWACHS, Maurice. A *Memória Coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. De Bernardo Leitão [et al.]. 5ª ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico:* de Rousseau à Internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LINS, José Pereira. *O sol dos ervais*: Exaltação à Obra Literária de Hélio Serejo. Dourados: Gráfica e Editora Dinâmica, 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. In: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1981, p. 7-28.

REIS, Elpídio*. Os 13 pontos de Hélio Serejo* (biografia). Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1980.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Hélio Serejo: O regional enquanto fábula do lugar. In: PINHEIRO, Alexandra Santos; BUNGART NETO, Paulo. (Orgs.). *Ervais, pantanais e guavirais*: cultura e literatura no Mato Grosso do Sul. Dourados: Ed. UFGD, 2013, pp.73-97.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Fronteiras do local*: Roteiro para uma leitura Crítica do Regional Sul-Mato-Grossense. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Situação crítica: o regionalismo revisitado. In:\_\_\_\_\_\_\_ (Org.). *Literatura e práticas culturais*. Dourados: Ed. UFGD, 2009, pp. 75-94.

SEREJO, Hélio. *Obras Completas*. Campo Grande: IHGMS, 2008. Organização e seleção: Hildebrando Campestrini.

SEREJO, Hélio. *Rodeio de emoções*. Presidente Venceslau: Artes Gráficas Bachega, 1985.

**ANEXO**

1. “Hinterlândia inóspita”: termo utilizado por Paulo Sérgio Nolasco dos Santos para representar os elementos da região sul-mato-grossense, terra de difícil acesso e sobrevivência. [↑](#footnote-ref-2)
2. Minêro, mineiro ou mensú: palavra de origem espanhola que se refere ao trabalhador encarregado do corte dos galhos e do transporte da erva-mate; cortador de erva, ervateiro. O peão de erval, também chamado de *minero*, representa a alma dos ervais. Usava sempre camisas de mangas curtas, pois gostava que seus braços ficassem soltos, sempre estava com o barrete ou gorro, como era chamado o chapéu de palha. Aqui vale a ressalva para distinguir entre o *mensú* e o *minero*, trabalhadores que muitas vezes são facilmente confundidos em relatos até mesmo de historiadores. O *mensú* ou, como eram conhecidos pelos grupos, “*mensuleiros”*, recebiam salários fixos mensalmente, com exceção do habilitado que recebia por produção. Enquanto os mineros tinham sua remuneração baseada na produção, recebia por arroba ou saca de erva produzida (Cf. ARRUDA, 1997, p. 70). [↑](#footnote-ref-3)
3. “Vento haragano”: vento forte, cortante, adjetivo usado por Hélio Serejo para descrever o vento frio do sul do estado do Mato Grosso. [↑](#footnote-ref-4)
4. Leitura Flutuante: é a exploração do material a ser analisado, primeira leitura geral e contato com as obras. [↑](#footnote-ref-5)